



Os cinco artigos de fé do arminianismo discutidos no sínodo de Dort (1618-1619): um breve estudo histórico teológico

Daniel Barros de Lima¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise do Sínodo de Dort, assembléia realizada em 1618-19 em Dordrecht na Holanda. Este Sínodo foi convocado pelo Estado para tratar da Remonstrância, documento publicado pelos discípulos de Jacobus Arminius, que começaram a questionar as doutrinas da igreja reformada, e queriam uma revisão da Confissão Belga e do Catecismo de Heidelberg, catecismo oficial da igreja. Este documento continha cinco artigos que tratavam sobre a predestinação, expiação de Cristo, o livre-arbítrio, a graça de Deus e a perseverança dos santos. Os cinco artigos foram discutidos e uma comissão preparou o texto dos Cânones ou regras de doutrinas em que rejeitava a doutrina arminiana e expunha também em cinco artigos a fé reformada. Tendo então os Cânones de Dort como parecer final das reuniões deste Sínodo, este trabalho propõe analisar se a decisão do Sínodo está de acordo com o ensino das Escrituras. Através de uma análise histórico teológica, os temas desses artigos serão analisados por diversos autores, incluindo alguns autores clássicos da igreja antiga, pois estes temas têm sido discutidos durante toda a história da teologia até os dias de hoje.

Palavras-chave: Arminianismo, Livre-arbítrio, Predestinação.

ABSTRACT

This article's objective is to analyze the Synod of Dort, held from 1618 to 1619 in Dordrecht, in the Netherlands. This synod was assembled by the state in order to address the matter of the Remonstrance, a document published by the followers of Jacobus Arminius, who were beginning to question the doctrines of the reformed church, and desired to revise the Belgian Confession and the Heidelberg Catechism. This document was centered on five articles that dealt with predestination, atonement, free will, the grace of God, and the perseverance of the saints. These five articles were discussed, and a commission prepared the text of the canons, or doctrinal laws, which rejected arminian doctrine and held forth five articles of the reformed faith. This paper proposes to evaluate whether the synod's decision is in accordance with the teaching of Scripture. Through a historical-theological analysis, we shall study the synod's articles through the lens of diverse authors, including thinkers from the ancient church, for these themes have been debated throughout the entire history of the church, from its beginnings to the present day.

Keywords: Arminianism, Free Will, Predestination

¹ Mestrando em História Social do PPGH-UFAM. Possui Bacharelado em Ciências Teológicas pela FBN (2008). Licenciatura Plena em História (2011), e Especialização em Metodologia do Ensino Superior (2010) pela Universidade Nilton Lins.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No intuito de cumprir o objetivo deste estudo, lançamos a mão a leitura de algumas obras contemporâneas e históricas referentes ao tema. Os cinco artigos teológicos contidos na *Remonstrancia* e discutidos no Sínodo de Dort, tratam de temas referentes a teologia reformada no que diz respeito a salvação. Nessa análise bibliográfica foram encontradas obras que contribuíram para o desenvolvimento desse artigo, ao passo que o tema foi basicamente delimitado para tratar da discussão dos Cinco Artigos de Fé do Arminianismo no Sínodo de Dort em 1618-19 num breve estudo histórico teológico.

Essa discussão teológica perdura por séculos, ela ainda é assunto garantido nos círculos teológicos até os dias de hoje. No século XVII, passados cem anos da Reforma, marcada pela afixação das 95 teses de Martinho Lutero em Wittenberg, um Sínodo representando as Igrejas Reformas da época se reunia para tratar de uma representação feita por alguns discípulos de Jacobus Arminius, que propunha, em suma, reformar a teologia reformada vigente na época, ao passo que ao final, o Sínodo toma uma decisão a respeito da Remonstrância.

Diante desta situação surge a seguinte pergunta: Estaria a decisão do Sínodo de Dort, referente aos cinco artigos de fé do Arminianismo coerente com o que ensina as Escrituras a partir da fé reformada?

Para tentar responder a questão, o presente artigo teve como objetivo geral analisar a decisão do Sínodo de Dort, bem como especificamente, realizar o levantamento histórico sobre o Sínodo de Dort; identificar os artigos arminianos e os artigos formulados como resultado do Sínodo, examinando-os através do que dizem diversos autores; e compreender o pensamento reformado e sua importância para a igreja contemporânea no século XXI.

O estudo a cerca dos Cinco Artigos de Fé do Arminianismo é relevante para a construção teológica da comunidade cristã atual, pois os temas estão relacionados, a forma como se crê na salvação do indivíduo. Assim analisaremos cada um desses artigos que em ordem tratam dos seguintes assuntos: livre-arbítrio, eleição condicional, expiação ilimitada, graça resistível e a salvação condicional.

JACOBUS ARMINIUS E A ORIGEM DOS CINCO ARTIGOS ARMINIANOS

Antes da abordagem necessária da origem dos Cinco Artigos de Fé Arminianos na elaboração inicial dos discípulos de Jacobus Arminius, faz-se necessário saber quem foi Jacobus Arminius, e como sua teologia sugeriu a revisão teologia reformada a qual ele mesmo pertencia.

Segundo Roger Olson (2001) Jacobus Arminius, que também pode ser conhecido por Jacó ou Tiago Armínio nasceu em 1560 na cidade Oudewater na Holanda e foi educado na Universidade de Leiden e estudou também em Genebra na gestão de Teodoro Beza, sucessor de João Calvino. Em 1588 tornou-se um dos ministros de Amsterdã, onde iniciou uma controversa por causa da sua pregação relacionada particularmente com a exposição capítulo 7 de Romanos. Em 1603 foi indicado como professor de teologia em Leiden. Arminius tinha sérias objeções a cerca da doutrina da igreja.

Segundo Earle Cairns (1995) Jacobus Arminius começou a desenvolver uma teologia com objetivo de revisar alguns pontos da fé reformada, pois conforme dizia, não queria fazer de Deus o autor do pecado. Portanto, os ensinamentos de Jacobus Arminius começaram a divergir das doutrinas reformadas, principalmente com os ensinamentos de Calvino. Cairns coloca isso da seguinte forma:

Armínio e Calvino ensinavam que o homem por ter herdado o pecado de Adão, está sob a ira de Deus. Armínio, porém cria que o homem era capaz de procurar a salvação antes mesmo de Deus lhe conceder a graça fundamental que habilita sua vontade para cooperar com Deus. Calvino entendia que a vontade do homem fora tão corrompida pela queda que a salvação era uma questão exclusiva da graça divina. Armínio cria na eleição, mas cria que o processo de salvar alguns e condenar outros tinha seu fundamento da presciência de Deus e a eleição era condicional não incondicional. Calvino aceitava a eleição incondicional feita por um Deus soberano, tanto para a graça como para a condenação. Armínio interpretava a morte de Cristo suficiente para todos embora só fosse eficaz para os crentes. Calvino limitou a redenção aos eleitos para a salvação. Armínio ensinava ainda que todos os homens poderiam resistir a graça salvadora de Deus. Calvino tornava esta graça como irresistível. Armínio respondia a insistência calvinista sobre a perseverança dos santos, afirmando que Deus concedia aos santos uma graça tamanha que eles não precisariam cair, embora a Bíblia praticamente ensinasse que era possível ao homem perder a salvação (CAIRNS, 1995. p. 265).

Segundo Olson (2001) diante de tal divergência os oponentes de Jacobus Arminius começaram a perceber o erro do sinergismo em sua pregação e ensino. Então, ele passou a ser perseguido pelos ministros calvinistas que o acusaram de heresia para os oficiais da igreja e da cidade. No entanto,

Jacobus Arminius tinha certo prestígio na cidade e chegou até a ocupar a prestigiosa cátedra da Universidade de Leiden em 1603. Francisco Gomaro era o calvinista supralapsário mais franco e rígido da Europa, e iniciou uma campanha de acusações contra Jacobus Arminius. O conflito eclodiu em 1604 quando Gomaro pela primeira vez acusou Arminius abertamente de heresia e isso durou até a morte de Arminius por causa de uma tuberculose em 1609. Quando morreu sua teologia estava sob a inquisição pública de líderes religiosos e políticos.

Conforme relata R. C. Sproul (2001) após a morte de Jacobus Arminius seu sucessor Simon Episcopius sistematizou seu ensino e juntamente com outros seguidores redigiram uma declaração de fé chamada *Remonstrancia* (protesto) em 1610, que deu ao seu grupo o nome de Remonstrantes. Conforme o documento histórico chamado de *Os Cânones de Dort*, o protesto consistia em *cinco artigos de fé*, baseados nos ensinamentos de Arminius.

O partido arminiano insistia que os símbolos oficiais de doutrina das Igrejas da Holanda fossem mudados para se conformar com os pontos de vista doutrinários contidos no Protesto. Eles declararam que era uma atitude normal e certamente uma coisa permitida se o governo convocasse um sínodo nacional.

Os teólogos seguidores de Gomaro também publicaram um documento, chamado de *Contra Remonstrancia*. O grupo dizia que os arminianos queriam uma revisão das confissões de fé, mas sequer apresentaram pontos concretos de objeção, além disso, quem tivesse objeção contra a confissão devia procurar uma assembleia da igreja e não o governo, pois o governo não podia decidir sobre questões de doutrina, por fim não chegaram a nenhum acordo e nem na reunião de um sínodo oficial e o debate continuou nos anos seguintes.

Conforme relata John Witt (1995) em um artigo chamado *Os Puritanos*, os anos seguintes testemunharam à exacerbação da controvérsia. Embora a Constituição da Igreja determinasse um Sínodo no mínimo a cada três anos, nenhum havia sido permitido desde 1586. John Van Olden Barneveldt, grande pensionário da Holanda e o grande homem do momento, apoiava os arminianos e era de posicionamento erastiano quanto à relação entre Igreja e o Estado. Em seu ponto de vista e dos remonstrantes, que derivavam suas forças de autoridades políticas, o magistrado civil exercia autoridade em assuntos eclesiásticos.

O príncipe Maurício, filho de William, o Taciturno, e Stadtholder hereditário, permaneceu neutro até 1616, quando começou abertamente a tomar o partido dos calvinistas e, nos idos do verão de 1617, estava participando publicamente do culto com a congregação reformada da capital. No mesmo

ano, o príncipe executou um bem sucedido golpe de estado contra Barneveldt e determinou, finalmente, a convocação de um sínodo da igreja holandesa.

Este foi um sínodo único na história do protestantismo, pois, pela pressão de James I que era o Rei da Inglaterra, teólogos estrangeiros foram convidados a participar. Convites foram enviados para todas as igrejas reformadas da Europa, e realmente vieram delegados da Inglaterra, do Palatinado, Hesse, Zurich, Berne, Basel, Schaffhausen, Genebra, Bremen e Emden. Para se avaliar o peso da assembléia, basta citarem-se alguns nomes. Lubbertus, de Franeker; Bogerman, o grande ministro de Leeuwaarden que estudou em diversas universidades continentais e então em Oxford e Cambridge; Diodati, o italiano que ensinava em Genebra; o jovem Voetius, que não havia ainda iniciado a estu-penda carreira acadêmica que o faria, talvez, o mais influente teólogo da Europa. Durante sete meses de duração do Sínodo houve 154 sessões para tratar desses artigos.

O Sínodo de Dort reuniu-se em 13 de novembro de 1618, e foi encerrado em maio de 1619. Por causa das várias nacionalidades presentes, todos os procedimentos foram feitos em latim.

John Witt (1995) ainda relata que foi uma extraordinária assembléia. Um antigo escrito disse dela o seguinte: *Os membros deste Sínodo formavam uma constelação dos melhores e mais eruditos teólogos que já se congregaram num concílio desde a dispersão dos apóstolos; salvo se excetuarmos a convocação imperial de Nicéia no quarto século.* O concílio incluía 56 ministros e presbíteros regentes das igrejas holandesas, 5 professores de teologia e 26 teólogos estrangeiros, além de 18 comissários políticos não-membros do sínodo que iriam supervisionar o processo e dar informações ao Estado Geral.

OS CINCO ARTIGOS DE FÉ ARMINIANOS

Os cinco artigos da Remonstrância podem ser resumidos nos seguintes tópicos:

1. Deus elege ou reprova com base da fé prevista ou da incredulidade.
2. Cristo morreu por todos os homens, em geral, e em favor de cada um em particular, embora somente os que creem sejam salvos.
3. Devido à depravação do homem, a graça divina é necessária para a fé ou qualquer boa obra.
4. Essa graça pode ser resistida.
5. Se todos os que são verdadeiramente regenerados vão seguramente perseverar na fé é um ponto que necessita de maior investigação.

Segue a explanação básica desses cinco artigos:

Artigo 1 – Eleição Condicional

Na Remonstrancia, a eleição é condicional, daquilo que Deus em sua Presciência previu os que creriam nele pela fé, ou seja, Deus elege ou reprova na base da fé prevista ou da incredulidade. Nos Cânones de Dort, isso está exposto assim:

A vontade de Deus para salvar aqueles que crerem e perseverarem na fé e na obediência da fé é o decreto inteiro e total da eleição para a salvação. [...] A eleição incompleta e não definida para a salvação se baseou nisto: Deus previu que elas começariam a crer, se converteriam, viveriam em santidade e piedade, e que até continuariam nisto por algum tempo [...] (Os Cânones de Dort, 1619. *apud*, MARRA p. 23).

Na interpretação dos textos em Romanos, Olson (2001) diz que Arminius ensinou que o texto se refere não a indivíduos, mas a classes de pessoas, ou seja, crentes e incrédulos, conforme predestinadas por Deus, que o livre-arbítrio dos indivíduos os incluía nas classes de eleitos e de réprobos e explicou a predestinação como à presciência divina a cerca da livre escolha dos indivíduos, essa era a explicação para a predestinação condicional dos indivíduos, Deus sabe quem terá fé e quem não terá. Esta é a essência do primeiro artigo arminiano.

Artigo 2 – Expição Ilimitada

O segundo artigo defende que a morte de Cristo tem alcance universal, ou seja, que Ele morreu por todos os homens. Conquanto a convicção posterior de Jacobus Arminius fosse à de que Deus ama a todos, de que Cristo morreu por todos e de que o Pai não quer que ninguém se perca, ele e seus seguidores sustentaram que a redenção é geral. Nos Cânones isso foi expresso assim:

Deus o Pai destinou seu filho à morte na cruz sem um decreto definido de determinadas pessoas. Mesmo que a redenção por Cristo, conquistada de fato, nunca tivesse sido aplicada a nenhuma só pessoa, o que Ele alcançou pela sua morte podia ter sido necessário, proveitoso e valioso e podia permanecer perfeito, completo e intacto em todas as suas partes. (Os Cânones

de Dort, 1619. *apud*, MARRA p. 31)

Artigo 3 – Livre Arbítrio ou Capacidade Humana

Este próximo artigo fala da corrupção do homem, e apresenta como os arminianos viam a questão do pecado original e até que ponto o homem foi corrompido pelo pecado que não possa chegar a Deus por livre escolha. Nos Cânones de Dort este artigo diz que é impróprio dizer que o pecado original em si é suficiente para condenar toda a raça humana:

Porque a vontade como tal nunca tem sido corrompida, mas apenas atrapalhada pelo obscurecimento do entendimento e pela desordem das afeições. Se estes obstáculos forem removidos, a vontade pode exercer seu livre poder inato. A vontade é por si mesma capaz de desejar e escolher ou não toda espécie de bem que lhe for apresentada. O homem não-regenerado não é realmente ou totalmente morto em pecados, ou privado de toda capacidade para fazer o bem, ele ainda pode ter fome e sede de justiça e vida, pode oferecer sacrifício de espírito contrito e quebrantado que agrada a Deus (Os Cânones de Dort, 1619. *apud*, MARRA p.42).

Artigo 4 – Graça Resistível

Esse próximo artigo vai de encontro com o que acontece no momento da conversão em que o Evangelho é pregado, e como se dá a efetivação do recebimento da salvação por parte daquele que ouve a pregação, ou a mensagem do Evangelho. O que percebemos é que fica exposto a afirmação de que a Graça pode ser resistida no momento em que o Evangelho é pregado, mesmo que a Graça da salvação seja o maior benefício para homem pecador, ele pode por si mesmo escolher rejeitá-la, tornando-a assim resistível. Nos Cânones de Dort é exposto assim:

Na regeneração do homem, Deus não usa os poderes de sua onipotência de maneira a dobrar a vontade do homem, à força e infalivelmente, para a fé e a conversão. Mesmo sendo realizadas todas as operações da graça que Deus possa usar para converter o homem e mesmo que Deus tenha a intenção e a vontade de regenerá-lo, o homem ainda pode resistir a Deus e ao Espírito Santo. De fato frequentemente resiste, chegando a impedir totalmente sua regeneração. Portanto ser ou não ser regenerado permanece no arbítrio do homem (Os Cânones de Dort, 1619. *apud*, MARRA p. 45).

Artigo 5 – Salvação Condicional

Conforme os Cânones de Dort, este último artigo inicialmente propunha rever a questão da real perseverança dos santos na salvação, pois na *Remonstrancia* este artigo dizia assim: *Se todos os que são verdadeiramente regenerados vão seguramente perseverar na fé é um ponto que necessita de maior investigação.* No entanto até a reunião do Sínodo, esse ponto foi alterado para ensinar definitivamente a possibilidade de os que realmente são regenerados podem perder sua fé, e, por conseguinte, a sua salvação.

Deus de fato provê os crentes de suficientes forças para perseverar, e está pronto para preservar tais forças nele, se estes cumprirem seu dever; mas ainda que todas estas coisas tenham sido estabelecidas como necessárias para perseverar na fé e que Deus as use para preservar a fé, ainda assim dependerá da vontade humana perseverar ou não (Os Cânones de Dort, 1619. *apud*, MARRA p. 52).

Este artigo exorta ao cuidado e vigilância do crente em vários aspectos. Se não for assim isso pode invalidar as advertências sobre a necessidade que os crentes têm de se esforçarem para permanecerem na fé além de nutrir um sentimento de falsa segurança numa pessoa não convertida. É como interpretamos o artigo sob a ótica arminiana.

A REJEIÇÃO DOS ARTIGOS ARMINIANOS E A FORMULAÇÃO DOS CÂNONES EM CINCO ARTIGOS REAFIRMANDO A FÉ REFORMADA

Segundo os Cânones de Dort, após um exame minucioso e detalhado de cada ponto, feito pelos maiores teólogos da época, representando a maioria das Igrejas Reformadas da Europa, o Sínodo concluiu que, à luz do ensino das Escrituras, esses artigos tinham que ser rejeitados como não bíblicos. Isso foi feito por unanimidade. O Sínodo também formulou o ensino bíblico a respeito desse assunto também na forma de cinco capítulos que têm sido, desde então, conhecidos como os *Cinco pontos do Calvinismo*, pelo fato de Calvino ter sido o grande sistematizador e expositor desses temas.

Segundo Roger Olson (2001) embora cause estranheza a muitos essa posição, devido à mudança teológica que as igrejas têm sofrido nos séculos seguintes a reforma, os reformadores eram unânimes em condenar o arminianismo como uma heresia ou quase isso. Essa posição pode ser resumida na

seguinte proposição: Deus salva pecadores. Assim apresentamos a seguir os cinco artigos que reafirmam a fé reformada: depravação total; eleição incondicional; expiação limitada; graça irresistível; perseverança dos santos.

Artigo 1 – Depravação Total

Este primeiro artigo trata da essência do homem. Deus não considera o bem que o homem julga ser bem como bem de forma alguma, pois este bem se refere ao bem que advém de um padrão elevado, ou seja, que vem de Deus, pois senão o homem teria como chegar a Deus por si próprio.

Dessa forma, os Cânones de Dort (Marra) afirmam e ratificam a depravação total assim:

É verdade que há no homem depois da queda um resto de luz natural. Assim ele retém ainda alguma noção sobre Deus, sobre as coisas naturais e a diferença entre honrado e desonrado e pratica um pouco de virtude e disciplina exterior. Mas o homem está tão distante de chegar ao conhecimento salvífico de Deus e à verdadeira conversão por meio desta luz natural que ele não a usa apropriadamente nem mesmo em assuntos cotidianos. Antes, qualquer que seja esta luz, o homem totalmente a polui de maneiras diversas e a detém pela injustiça. Assim ele se faz indesculpável perante Deus (Os Cânones de Dort, 1619. *apud*, MARRA p. 36).

Artigo 2 – Eleição Incondicional

Este segundo artigo explica que antes da fundação do mundo Deus havia escolhido demonstrar amor e misericórdia sobre àqueles que Ele quis demonstrar. Após a criação, devido ao pecado de Adão, seus descendentes entram no mundo como pecadores, culpados e perdidos. Como criaturas caídas, eles por si mesmos não têm desejo de ter comunhão com o seu Criador. Nos Cânones de Dort isto é exposto assim:

Esta eleição é o imutável propósito de Deus, pelo qual Ele, antes da fundação do mundo, escolheu um número grande e definido de pessoas para a salvação, por graça pura. Estas são escolhidas de acordo com o soberano bom propósito de sua vontade, dentre todo o gênero humano, decaído pela sua própria culpa da sua integridade original para o pecado e a perdição. Os eleitos não são melhores ou mais dignos que os outros, porém envolvidos na mesma miséria

dos demais. São escolhidos em Cristo, quem Deus constituiu mediador [...] em outras palavras, Ele decidiu dar-lhes verdadeira fé em Cristo, justificá-los, santificá-los, e depois, tendo-os guardado poderosamente na comunhão de seu Filho, glorificá-los finalmente. [...] (Os Cânticos de Dort, 1619. *apud*, MARRA p.19).

Artigo 3 – Expição Limitada

Conforme R. C. Sproul (2001) este terceiro artigo estabelece o fato da expiação vicária de Jesus Cristo ter alcançado apenas os eleitos. A obra redentora de Cristo foi intencionada para salvar somente os eleitos e, de fato, assegurou a salvação destes. Sua morte foi um sofrimento substitucionário da penalidade do pecado no lugar de certos pecadores específicos. Nos Cânticos de Dort o artigo diz:

Pois este foi o soberano conselho, a vontade graciosa e o propósito de Deus o Pai, que a eficácia vivificante e salvífica da preciosíssima morte de seu Filho fosse estendida a todos os eleitos. Daria somente a eles a justificação pela fé e, por conseguinte os traria infalivelmente à salvação. Isto quer dizer que foi da vontade de Deus que Cristo por meio do sangue na cruz redimisse efetivamente de todos os povos, tribos, línguas e nações, todos aqueles e somente aqueles que foram escolhidos desde a eternidade para serem salvos [...] (Os Cânticos de Dort, 1619. *apud*, MARRA p. 30).

Artigo 4 – Graça Irresistível

Segundo John Piper (2005) este artigo expõe o modo como o Espírito Santo atrai e convence o homem do pecado no momento em que o Evangelho é apresentado a este, sendo atraído eficazmente não podendo resistir ou não aceitar a graça da salvação outorgada a ele. A doutrina da Graça irresistível não significa que toda a influência do Espírito no coração do homem não possa ser resistida, mas, significa que o Espírito Santo vai sobrepujar toda resistência aparente e tornar sua influência irresistível.

Nos Cânticos de Dort o assunto é exposto assim:

Esta conversão é aquela regeneração, renovação, nova criação, ressurreição dos mortos e vivificação, tão exaltada nas Escrituras, a qual Deus opera em nós, sem nós. Mas esta regeneração não é efetuada pela pregação apenas, nem por persuasão moral. Nem ocorre de tal

maneira que, havendo Deus feito a sua parte, resta ao poder do homem ser regenerado ou não regenerado, convertido ou não convertido. Ao contrário, a regeneração é uma obra sobrenatural, poderosíssima, e ao mesmo tempo agradabilíssima, maravilhosa, misteriosa e indizível. [...] Consequentemente todos aqueles em cujos corações Deus opera desta maneira maravilhosa são, certamente, infalivelmente e efetivamente regenerados e de fato passam a crer. Portanto a vontade que é renovada não é apenas acionada e movida por Deus, mas ela age também, sob a ação de Deus, por si mesma. Por isso também se diz corretamente que o homem crê e se arrepende mediante a graça que recebeu (Os Cânones de Dort, 1619. *apud*, MARRA p. 38).

Conforme J. P. Wiles (2002) a pregação do Evangelho se mostra a todos como um chamado externo, mas ela vem também como uma intimação interna aos eleitos. O chamado externo é produzido pelos seres humanos, mas o chamado interno é uma obra somente de Deus e ocorre somente nos eleitos.

Artigo 5 – Perseverança dos Santos

Este último ponto finaliza os cinco artigos reformados, enfatizando a Deus toda a glória no processo de salvação, e confirma a segurança da salvação por parte dos eleitos de Deus. Nos Cânones de Dort o artigo diz assim:

Por causa dos seus pecados remanescentes e também por causa das tentações do mundo e de Satanás, aqueles que têm sido convertidos não poderiam perseverar nesta graça, se deixados ao cuidado de suas próprias forças. Mas Deus é fiel: misericordiosamente os confirma na graça, uma vez conferida sobre eles, e poderosamente preserva a eles na sua graça até o fim. (Os Cânones de Dort, 1619. *apud*, MARRA p. 47) Assim, não é por seus próprios méritos ou força, mas pela imerecida misericórdia de Deus que eles não caem totalmente da fé e da graça e nem permaneçam caídos ou se percam definitivamente. Quanto a eles, isto facilmente poderia acontecer e aconteceria sem dúvida. Porém, quanto a Deus, isto não pode acontecer, de modo nenhum. Pois seu decreto não pode ser mudado, sua promessa não pode ser quebrada, seu chamado em acordo com seu propósito não pode ser revogado [...] e a selagem do Espírito tão pouco pode ser frustrada ou destruída (Os Cânones de Dort, 1619. *apud*, MARRA p.49).

Como vemos, dessa forma, Deus confirmaria os verdadeiros salvos na graça lhes dando a perseverança. Mas os convertidos nem sempre são guiados e movidos por Deus, e assim eles poderiam,

em certos casos, por sua própria culpa, se desviar da direção da graça, e ser seduzidos pelos desejos da carne e segui-los. Devem, portanto, vigiar constantemente e orar para que não caiam em tentação. Quando não vigiarem e orarem, eles podem ser levados pela carne, pelo mundo e por Satanás para sérios e horríveis pecados. No entanto, e conforme analisamos, na interpretação intepretação calvinista isto ocorre também muitas vezes pela justa permissão de Deus.

Conclusão do Sínodo a cerca dos Artigos Formulados

Os Cânones de Dort terminam com esta decisão: *Esta é a declaração clara, simples, e sincera da doutrina ortodoxa com respeito aos Cinco Artigos de Fé discutidos na Holanda. O Sínodo de Dort julga a presente declaração e as rejeições serem tiradas da Palavra de Deus e conforme as Confissões das Igrejas Reformadas.*

Na conclusão dos Cânones de Dort, percebemos que para além de rejeitar os artigos arminianos, também foi enfatizado que as doutrinas reformadas eram comumente atacadas falsamente. Segue abaixo um trecho final que exorta a todos os convertidos em Cristo:

Ao ensiná-la, tanto pela palavra falada quanto escrita, devem procurar a glória de Deus, a santidade de vida e a consolação das almas aflitas. Seus pensamentos e palavras sobre a doutrina devem estar em concordância com a Escritura, de acordo com a analogia da fé. E devem abster-se de usar qualquer frase que exceda os limites prescritos pelo genuíno sentido das Escrituras Sagradas para não dar aos frívolos sofistas boas oportunidades para atacar ou caluniar a doutrina das igrejas reformadas (Os Cânones de Dort, 1619. *apud*, MARRA p. 58).

Desta forma o Sínodo encerrou o exame dos cinco artigos de fé do Arminianismo, rejeitando-os e reafirmando a fé reformada também em cinco artigos de fé. Neste ponto devemos fazer uma exposição um tanto que dialética, porém básica, por meio de alguns autores defensores dessas duas vertentes teológicas.

ANÁLISE CRÍTICA DA DECISÃO DO SÍNODO DE DORT

Faremos a seguir essa exposição utilizando os próprios temas dos artigos calvinistas, bem como, e em contraposição, os artigos arminianos. Queremos lançar mão das análises realizadas por alguns

teólogos tanto da época da reforma protestante, como dentre muitos outros renomados até hoje.

Depravação Total versus Livre Arbítrio

Roger Olson (2001) nos informa que Pelágio chegou a negar a inevitabilidade do pecado. Ele dizia que todo mundo de fato peca, mas isso é simplesmente porque decide espontânea e deliberadamente repetir o ato de Adão. Não existindo assim nenhuma tendência ou predisposição inata ao pecado. Para Pelágio o pecado era um mal social e não mal genético. A cerca da necessidade da graça de Deus, foi ambivalente e vago.

Em contraposição, Olson (2001) ainda nos diz que o conceito de Agostinho é de que todos os seres humanos de todas as épocas já nasceram (à exceção do Deus-homem, Jesus Cristo) e fazem parte de uma *massa de perdição* e são totalmente culpados e condenados por Deus pelo pecado original de Adão. Como os puritanos diziam no século XVII: *Como Adão pecou, ninguém escapou*. Agostinho argumentou que, por causa da depravação e da corrupção herdadas pelo pecado, o ser humano não tem liberdade para não pecar, as pessoas são livres para pecar, mas não são livres para não pecar.

Timothy George (1993) traz um parecer importante de Martinho Lutero a respeito da escravidão da vontade, em que ele expressa a condição real do livre-arbítrio:

Em sua esfera legítima, a razão é o mais elevado dom de Deus, mas no momento em que excede para a teologia, torna-se a prostituta do diabo. O mesmo se dá com o livre-arbítrio. Entendido como a capacidade vinda de Deus para tomar decisões ordinárias, para cumprir as responsabilidades no mundo, o livre-arbítrio permanece intacto. O que ele *na verdade* pode fazer é realizar a própria salvação. Nesse sentido, o livre-arbítrio está totalmente corrompido pelo pecado e cativo a Satanás (*apud*, GEORGE, 1993, p.77).

O parecer de Martinho Lutero (2007) em sua famosa obra *Da Escravidão da Vontade* foi sua resposta aos argumentos de Erasmo de Roterdã que era a favor do Livre arbítrio. Erasmo afirmou que a Lei foi nos dada para que pudéssemos ter o livre-arbítrio e poder então fazer bom uso dele, como se estando entre dois caminhos poderemos escolher qual caminho quiséssemos. Ao que Lutero respondeu assim:

Você diz: “É ridículo dizer a um homem, diante de dois caminhos, para ele ir pelo que lhe agrada, se apenas um dos dois caminhos estiver livre à sua frente”. Que ilustração tola! É verdade que nós estamos diante de uma bifurcação; porém os dois caminhos – e não somente um – estão fechados para nós. Somos incapazes de tomar o caminho que conduz o bem, sem a graça de Deus. E nem mesmo podemos tomar o outro caminho, sem a permissão de Deus! Em Romanos 3:20, Paulo não diz: “Pela lei vem o pleno conhecimento da bondade”, nem: “Pela lei vem o pleno conhecimento da vontade”. Ele diz: “Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado”. A lei não ensina o que os homens podem fazer, mas o que os homens devem fazer (LUTERO, 2007. p. 53).

Segundo J. P. Wiles (2002) Calvino respondeu algumas objeções que comumente eram levantadas sobre o livre-arbítrio, como esta: *Então porque Deus nos pede para fazermos àquilo que não podemos fazer?* Ao que Ele respondeu assim: *Deus nos pede àquilo que não podemos fazer afim de que saibamos o que lhe devemos pedir.*

Eleição Incondicional versus Eleição Condicional

Segundo Timothy George (1993) a doutrina da predestinação exposta por Calvino pode ser resumida em três aspectos: Absoluta, Particular e Dupla. É absoluta, no sentido de que não está condicionada a nenhuma contingência finita, mas baseia-se somente na vontade imutável de Deus, ou seja, não estava ligada ao conhecimento prévio de Deus. É particular no sentido que ela pertence a indivíduos, a não a grupos de pessoas. E finalmente a é dupla porque Deus para o louvor de sua misericórdia, ordenou alguns indivíduos para a vida eterna, a para o louvor de sua justiça, ordenou outros para a condenação eterna.

Analisando a Eleição, observamos Myer Pearlman (2005) fala dela em termos condicionais. Pearlman afirma que a vontade de Deus é que todos os homens sejam salvos, porque Cristo morreu por todos, (1 Tim 2:4-6) e com essa finalidade Ele oferece sua graça a todos. As Escrituras ensinam uma predestinação, mas não que Deus predestina alguns para a vida eterna e outros para o sofrimento eterno. Ele predestina a *todos os que querem* ser salvos. Deus previu que essas pessoas aceitariam o Evangelho. Ele previu o destino delas, mas não o fixou.

Emil Brunner (2004) faz um comentário questionador, em sua análise inicial sobre os decretos de Deus:

Finalmente se tudo está predeterminado pelo decreto divino como poderia qualquer corte de apelação ser responsável por este acontecimento senão Aquele que a tivesse predeterminado. Se tudo está predeterminado, o mal assim como o bem, a impiedade assim como a fé, o inferno assim como o céu, “ser perdido” bem como “ser salvo” se é predeterminado, pelos decretos eternos de Deus, que não apenas o destino temporal, mas também o destino eterno dos homens está determinado desigualmente, de maneira que alguns desde a eternidade, estão destinados à morte eterna e outros à vida eterna – é possível chamar o *One* que promulgou este *decretum horrible* de Pai amoroso de todos os homens? Se este decreto oculto de Deus está por traz da revelação de Jesus Cristo, que significado teria o chamado à fé, ao arrependimento, e à confiança agradecida? Esta doutrina não ameaça todo sentido da mensagem do Amor de Deus e a seriedade da decisão da fé? (BRUNNER, 2004. p. 403).

No entanto, sobre o mesmo tema Martin Lloyd-Jones (2002) afirma que a resposta adequada para tais questionamentos é a do apóstolo Paulo quando diz *Mas quem é você, ó homem, para questionar a Deus? Acaso aquilo que é formado pode dizer ao que o formou: Por que me fizeste assim? O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso? E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para a destruição?* (Rm 9:20-22).

Sobre a dupla predestinação Timothy George (1993) nos informa o famoso brado de Lutero sobre Erasmo:

A postura da razão é sempre de egocentrismo. Deus é apenas tão “injusto”, falando estritamente, ao justificar os ímpios à parte de seus méritos, quanto o é ao rejeitar outros à parte de seus deméritos. Ainda assim, ninguém reclama da primeira “injustiça”, porque o interesse pessoal está em jogo! Em ambos os casos, Deus é injusto pelos padrões humanos, mas justo e verdadeiro pelos seus. Lutero recusou-se a submeter Deus ao tribunal da justiça humana como se a “Majestade, que é o criador de todas as coisas, tivesse de curvar-se a uma das escórias de sua criação”. “Deixem Deus ser bom”, clamava Erasmo, o moralista. “Deixem Deus ser Deus”, replicava Lutero, o teólogo. (*apud*, GEORGE, 1993. p. 78)

Mas, ao que parece Emil Brunner (2004) discorda quando afirma que a doutrina da dupla predestinação é um equívoco que ameaça a genuína doutrina bíblica da eleição, pois ao afirmar isso argumenta que a dupla predestinação não poderia estar na Bíblia embora uns poucos textos isolados

pareçam concluí-la. A bíblia apenas coloca lado a lado os eleitos e não eleitos, mas como ponto final de uma separação, de que haveria um duplo resultado na história do mundo, salvação e ruína, céu e inferno. A Bíblia ensina que numa casa há vasos de honra e vasos de desonra; mas também ensina que se um homem se purificar ele será um vaso para honra.

Expição Limitada versus Expição Ilimitada

Severino Silva (1989) afirma que a graça é universal, quando diz ser bíblico o fato de Jesus ter morrido por todos os homens. Deve-se observar livremente que cada palavra chave que o Novo Testamento usa para descrever a manifestação da graça de Deus e seus efeitos, é sempre vista no sentido universal, seu objetivo é sempre todos, e todos, portanto é um testemunho das riquezas da graça de Deus, pois a prova incontestável é que graça é graça mesmo, e se esta graça se manifestasse fazendo discriminação entre pessoas, já não seria graça.

No entanto, Lutero deu um parecer importante sobre o propósito de Deus em salvar apenas os eleitos, restringiu assim o alcance da expiação:

“Cristo não morreu por todos absolutamente”. Contra a objeção de que tal visão transformava Deus num ogro arbitrário, Lutero respondeu – como Paulo – “Deus assim o quer, e porque ele o quer, isso não é perverso”. A “prudência da carne” diz que é cruel e miserável Deus buscar sua glória em minha maldade. Ouça a voz da carne! “Meu, minha”, diz ela! Lance fora esse “meu” e diga, em lugar disso “Glória a ti, Senhor”, e você será salvo. (*apud*, GEORGE, 1993. p. 78)

Calvino (1985) nas Institutas trata sobre a expiação limitada com base na eleição e sobre como se deve tratar todas as pessoas, ele diz o seguinte:

Visto que não sabemos quais são os eleitos, cumpri-nos desejar de coração a salvação de todos os homens. Assim sendo, procuraremos fazer de toda pessoa com quem encontrarmos participante da paz; e nossa paz permanecerá sobre os filhos da paz. (*apud*, WILES, 2002. p. 308)

Segundo James White (2003) Cristo em João 17, não age como Sumo Sacerdote em favor de todos os homens. O Senhor Jesus distinguiu claramente entre o mundo e aqueles que, em toda a oração,

são mencionados como pertencentes a Ele mesmo. O versículo 9 ressalta fortemente esse argumento: “Eu rogo por eles. Não estou rogando pelo mundo, mas por aqueles que me deste, pois são teus”. A pergunta que necessita de uma resposta exata é esta: Cristo realmente fez ou não fez um sacrifício vicário pelos pecados? Se Ele o fez, não foi em favor de todo o mundo, pois, se assim fosse, todo o mundo seria salvo. A isto Timothy George (1993) acrescenta que Cristo não morreu por todos indiscriminadamente, mas apenas para os eleitos, do contrário, o propósito falharia em sua consumação, pois nem todos, pelos quais a obra da redenção foi empreendida, seriam afetados e se salvariam.

Ao contrário exatamente, Charles Hodge (2001) nos informa o parecer dos ensinamentos de João Wesley. Como Adão representou toda raça, assim também agiu Cristo; e como em Adão todos os homens morrem assim em Cristo todos são vivificados. Dizem, porém que isso nada tem a ver com a morte espiritual em um caso, ou com a salvação da alma no outro. A morte que veio a todos os homens em virtude do pecado de Adão foi meramente a morte do corpo; e a vida que vem a todos por intermédio de Cristo é a restauração à vida do corpo na ressurreição.

Graça Irresistível versus Graça Resistível

David e Randall Basinger (1989) nos informam que o arminiano afirma que o pecador pode eficazmente rejeitar a graça. Deus faz tudo o que pode para salvar pecadores. Estes, porém sendo livres podem resistir aos apelos da graça. Se o pecador não reagir positivamente, o Espírito não lhe pode conceder vida. Portanto, a graça de Deus não é infalível nem irresistível. O homem pode frustrar a vontade de Deus para sua salvação.

Conforme Roger Olson (2001) Arminius conceitua a graça preveniente como uma concessão de Deus a todas as pessoas e absolutamente necessária para que o pecador possa por si só usar seu livre-arbítrio para crê e ser salvo. É a graça sobrenatural auxiliadora e outorgante de Jesus Cristo. Mas por ser preveniente (acontece antes), pode ser resistida. Se a pessoa não resistir à graça preveniente e permitir que ela opere em sua vida pela fé, ela se tornará justificadora.

Dessa forma, percebemos que é nesse ponto que reside o sinergismo de Arminius, ou seja, a vontade humana, livre pela graça preveniente (a operação do Espírito Santo dentro da pessoa), precisa cooperar simplesmente aceitando a necessidade da salvação e permitindo que Deus outorgue a dádiva da fé. Myer Pearlman (2005) acrescenta Cristo oferece sua graça a todos, mas, o homem tem certas

condições a cumprir. Ele pode perfeitamente escolher aceitar a graça de Deus, ou pode resistir-lhe e rejeitá-la.

Mas, observando os que os reformadores diziam, R. C. Sproul (2001) lembra que tanto para Calvino como para Lutero, a *irresistibilidade* da graça é o que a faz tão graciosa. A graça irresistível nega ao pecador convertido qualquer base para a vanglória e essa graça assegura o *sola gratia e sola fide*. Essa graça fundamenta a afirmação de que em última análise, a salvação vem do Senhor.

Perseverança dos Santos versus Salvação Condicional

Severino Silva (1989) afirma de modo categórico que um salvo, pode vir a desviar-se, pois no que se refere à salvação ela é eterna e incondicional, porém a salvação do homem deve ser vista num ponto de vista condicional, ou seja, o homem deve manter-se salvo a cada dia, pois a experiência humana prova a possibilidade duma queda temporária da graça, conhecida por desviar-se. Em toda extensão da Bíblia também fica claro, sem nenhuma mistificação a possibilidade de uma pessoa, por meio do descuido vir a desviar-se e perder-se eternamente.

No entanto trazemos aqui, o que diz a *Confissão de Westminster* (2003) a cerca da perseverança dos santos.

Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, os que ele chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem decair do estado da graça, nem total, nem finalmente; mas, com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até o fim e serão eternamente salvos (*Confissão de Fé de Westminster*, 2003. *apud*, MARRA p. 135).

Eles, porém, pelas tentações de Satanás e do mundo, pela força da corrupção neles restante e pela negligência dos meios de preservação, podem cair em graves pecados e por algum tempo continuar neles; incorrem assim no desagrado de Deus, entristecem o seu Santo Espírito e de algum modo vêm a ser privados das suas graças e confortos; têm os seus corações endurecidos e as suas consciências feridas; prejudicam e escandalizam os outros e atraem sobre si juízos temporais. (*Confissão de Fé de Westminster*, 2003. *apud*, MARRA p. 137)

O parecer de Charles Finney (2001) é contrário a esta confissão de fé, quando ele apresenta em sua teologia sistemática o que significa ou não significa a perseverança dos santos. Nesta explanação a mutua cooperação de Deus com sua graça e do homem na sua luta em permanecer salvo, caracterizando seu sinergismo, pois se não fosse assim o termo perseverança não teria nenhum valor.

Em um dos pontos abordados Finney expõe este pensamento dizendo que a salvação de alguém como um evento, é semelhante a qualquer outro evento que pode ser alterado conforme suas ações.

Mateo Lelièvre (1997), biógrafo de John Wesley, nos fornece também o pensamento do líder inglês. A perda da salvação era algo tão firme e essencial em seu sistema teológico, que ele colocava esta doutrina arminiana no mesmo grau de valor com outras doutrinas fundamentais. Em seu sermão *Pensamentos sérios Sobre a Perseverança dos Santos*, Wesley declara que se as Escrituras são verdadeiras, aqueles que são santos no julgamento do próprio Deus; os que possuem a fé que purifica o coração, que produz uma boa consciência; os que são ramos da verdadeira videira, os que conhecem a Cristo, que escaparam da poluição do mundo; os que veem a luz da glória de Deus, e que são participantes do Espírito Santo, do testemunho e dos frutos do Espírito; os que vivem pela fé no Filho de Deus; os que são santificados pelo sangue da aliança, podem, contudo, cair e perecer eternamente.

No entanto, João Calvino (1985) afirmava que a lamentável queda de Davi, Pedro e outros santos, descrita na Sagrada Escritura, demonstram que Deus jamais abandona os seus. Pois quando eles retornaram ao reto caminho por meio de arrependimento sincero, logo a face paternal de Deus brilhou novamente sobre eles. Pois Deus, que é rico em misericórdia, de acordo com o imutável propósito da eleição, não retira completamente o seu Espírito dos seus, mesmo em sua deplorável queda. Nem tão pouco permite que venham a cair tanto que recaiam da graça da adoção e do estado de justificado. Nem permite que cometam o pecado que leva à morte, isto é, o pecado contra o Espírito Santo. Pois, em primeiro lugar, em tal queda, Deus preserva neles sua imperecível semente da regeneração, a fim de que esta não pereça nem seja lançada fora. Além disto, através da sua Palavra e seu Espírito, certamente Ele os renova efetivamente para arrependimento e se empenham mais diligentemente pela sua salvação com temor e tremor.

CONTRIBUIÇÃO DA DECISÃO DO SÍNODO DE DORT PARA A IGREJA DO SÉCULO XXI

É importante frisar que os cinco pontos e os cânones de Dort não são uma exposição da doutrina reformada. Esta é muito mais abrangente. Longe de serem uma exposição do calvinismo, os cinco pontos servem muito mais para enfatizar diferenças entre o calvinismo e o arminianismo, principalmente na relação da soberania de Deus com a salvação. O ensino de Calvino é muito mais amplo e abrangente. A fé reformada e essencialmente evangélica é afirmada e defendida na Confissão e Catecismos de Westminster e nas Três Fórmulas da União (Confissão Belga, Catecismo de Heidelberg

e nos Cânones de Dort).

Stanford Reid (1990) afirma que o pensamento calvinista como sistema reformador, percorreu toda a Europa mesmo diante de grandes lutas, estabeleceu nações inteiras na Europa sob o calvinismo, e floresceu como força moldadora da cultura ocidental, força que atuou fortemente nos dois primeiros séculos depois da reforma, e moldou o nascimento de nações, como Estados Unidos e Austrália. Nos séculos XVIII e XIX, entrou em declínio, sofrendo distorções provocadas pelo advento do racionalismo, e pelo surgimento de dissidências internas, entre as quais se destacam a Arminianismo e o Puritanismo.

Augustus Nicodemus nos traz uma avaliação geral do que ocorreu depois disso no campo teológico contemporâneo:

A orientação teológica evangélica sofreu uma sutil mutação: de Agostiniana e reformada, passou a se caracterizar por uma tendência predominantemente arminiana. Tal mudança acarretou várias consequências, a invasão da espiritualidade mística centrada na experiência, fruto do reavivalismo pelagiano de Charles Finney; a depreciação da doutrina em favor do pragmatismo e o antropocentrismo no culto, na igreja e na missão, produtos da orientação teológica centrada no homem. Mas talvez a pior dessas consequências tenha sido a perda da cosmovisão reformada, que serviria de base para um olhar abrangente sobre a cultura, a ciência e a sociedade a partir da soberania de Deus sobre todas as áreas da vida. Não esquecendo que em meio a tudo isso houve a omissão e o descaso de boa parte das igrejas históricas reformadas, que segundo toda a sua herança, tem o verdadeiro potencial de transformação genuína (NICODEMUS, 2008. p. 22).

J. I. Packer (1996) ainda nos diz que o calvinismo, ou a teologia reformada, é aquilo que a verdadeira igreja de Cristo sempre defendeu e ensinou, quando sua mente não estava distraída pela controvérsia e pelas tradições falsas, porquanto dava atenção ao que as Escrituras realmente diziam. Este é o significado do testemunho dos pais da igreja diante do ensino dos cinco pontos, podendo ser abundantemente citado.

Segundo John Witt (1995) a contribuição da decisão do Sínodo de Dort para a Igreja do século XXI, é o retorno às antigas doutrinas da Graça, tanto para as igrejas históricas reformadas, como para aquelas que mesmo sendo denominações que na sua prática são arminianas, não deixam de ser, de certa forma, parte da igreja invisível de Cristo.

Por isso, nos chama a atenção o que Gisbertus Voetius, grande teólogo reformado, proferiu

durante a reunião do Sínodo de Dort: *Ecclesia reformata semper et reformanda est*”, traduzindo do latim, *Igreja reformada, sempre se reformando*. Nesse sentido o princípio de Voetius é que de tempos em tempos a Igreja deveria retornar às Escrituras, que tinham sido a base da Reforma. Isto também nos leva a refletir que por causa da mente humana ser o que é, ou seja, deteriorada pelo pecado, estaria de tempos em tempos sendo inclinada a se distanciar de Deus, e neste princípio de Lutero, pela graça de Deus, Ele estaria sempre mantendo uma igreja santa e pura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A controvérsia dizia respeito às diferentes conceituações do homem e de Deus. Embora o próprio Jacobus Arminius fosse um crente reformado, e até podemos dizer com a devida licença poética e ao mesmo tempo irônica, que Arminius morre sem ser arminiano. Entretanto a história subsequente do movimento demonstra claramente que, quando a queda e suas consequências totais para o ser humano como um todo não é levada suficientemente a sério, então o resultado é inevitavelmente o racionalismo ou coisa pior.

Qual é então a importância atual de Dort? É tão somente esta: o desvio bíblico, embora travestido sob um nome do século XVII, é tão antigo quanto o homem e ressurge sempre e sempre, frequentemente sob novas formas, até mesmo com vestes evangélicas que embora professem a doutrina bíblica, ainda insistem na capacidade do homem de escolher a Deus por si só. É também corrente, entre um grande número de teólogos não ortodoxos e liberais que concentram seu raciocínio no antropocentrismo e substituem a busca de um Deus gracioso, pela busca de um homem poderoso. A verdade fundamental que Dort levantou, é a verdade que Agostinho levantou antes, e na qual a Reforma de Lutero, Calvino, Knox e mesmo a Palavra de Deus permanecem firmemente.

Longe de fecharmos a discussão, esperamos que cada cristão que é parte do corpo de Cristo em sua igreja invisível possa diante de um despertar pessoal encontrar significados essenciais à sua vida cristã que serão de grande relevância para sua formação pessoal, e pelo Espírito Santo estabelecer, sem influências denominacionais ou confessionais (que por muitas vezes tem prendido o crente de pensar) seu olhar moldador sobre a vida como um todo, obtendo uma cosmovisão cristã que transformará todas as áreas de sua vida.

Após o desenvolvimento deste breve estudo, podemos ter certa percepção de que os cinco artigos reformados ou calvinistas expressam a verdade Bíblica que Deus quis preservar na história da

salvação e ainda o quer, fazendo isso de tantas formas possíveis como lhe apraz, até mesmo usando este pequeno artigo como um de seus meios. Em resposta à pergunta inicial deste trabalho, que dizia: Estaria a decisão do Sínodo de Dort, referente aos cinco artigos de fé do Arminianismo coerente com o que ensina as Escrituras a partir da fé reformada? Até aqui, fica um tanto que obvia que sob o olhar reformado, nada mudou, os artigos não representam coerência com a fé reformada. No entanto, e como já afirmamos, longe de fecharmos o assunto de modo absoluto, que este artigo possa abrir ainda mais o debate, e conclamar os interessados na pesquisa teológica que outras considerações sobre o tema. Neste sentido, o ambiente acadêmico é quem mais ganha. Assim esperamos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASINGER, David. BASINGER, Randall. *Predestinação e Livre Arbítrio*. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.
- BÍBLIA, Português. *Bíblia de Estudo de Genebra*, Almeida Revista e Atualizada, São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BRUNNER, Emil. *Dogmática. Vol. 1 Doutrina Cristã de Deus*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.
- CAINS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos: Uma história da igreja cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida, 1995.
- CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- FINNEY, Charles. *Teologia Sistemática*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. 1ª ed. São Paulo: Hagnos, 2001.
- JONES, Martin Lloyd. *Comentário de Romanos 9: O Soberano propósito de Deus*. São Paulo: PES, 2002.
- LELIÉVRE, Mateo. *João Wesley: Sua Vida e Obra*. São Paulo: Vida, 1997.
- LUTERO, Martinho. *Nascido Escravo*. 2. ed. Rio São José dos Campos: Fiel, 2007.
- MARRA, Cláudio A. Batista (Editor). *Os Cânones de Dort*. São Paulo: Cultura Cristã, [s.d.].
 _____. *A confissão de Westminster*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- NICODEMUS, Augustus. *O que estão fazendo com a igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã: 2000 mil anos de tradição e reformas*. 1ª ed. São Paulo:

Vida, 2001.

PACKER, J. I. *Entre os gigantes de Deus*. 1ª ed. São José dos Campos: Fiel, 1996.

PEARLMAN, Meyer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. 32. ed. São Paulo: Vida, 2005.

PIPER, John. *Graça Irresistível*. Disponível em:

http://www.monergismo.com/textos/graca_irresistivel/gracairresistivel_piper.pdf Acesso em 17 Ago. 2008.